



COSTURANDO LEMBRANÇAS: A (RE) CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO CONTO A COLCHA DE RETALHOS, DE MONTEIRO LOBATO

Jailma da Costa Ferreira (1); Bruno Santos Melo (2);
Fernanda Karyne Oliveira (3); Maria Ismênia Lima (4)

Universidade Estadual da Paraíba
jailma.jdf@gmail.com (1); bsantosmelo@hotmail.com (2);
fernandakoliveira@gmail.com (3); ismenialima302@hotmail.com (4)

Resumo: Este artigo surge a partir dos estudos realizados na primeira unidade da disciplina de Literatura Brasileira da Modernidade II, no curso de licenciatura em Letras, habilitação Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Paraíba. A disciplina oportunizou o estudo de alguns autores brasileiros, a exemplo de Lima Barreto, João do Rio e Monteiro Lobato. Dentre os textos lidos desses autores, optou-se neste trabalho em analisar o conto *A colcha de retalhos*, de Monteiro Lobato, presente no livro **Contos completos** (2014). O conto foi publicado originalmente no primeiro livro do autor, **Urupês** (1918). *A colcha de retalhos* narra a história de uma família de sítiantes que vive longe da vida urbana. Os membros que compõem essa família são a matriarca, Joaquina; sua filha, Sinh'Ana; seu genro, José Alvorada e a filha do casal, Maria das Dores, cujo apelido é Pingo d'Água. O conto é narrado sob a ótica de um personagem secundário, cujo nome não é citado, sabe-se apenas que ele vai ao sítio a fim de contratar José Alvorada para um serviço. No entanto, nessa visita, o narrador-personagem passa a conhecer e, de certa forma, também a se interessar pela história da família, sobretudo da senhora Joaquina e da sua neta Pingo d'Água. A proposta que orienta a produção deste trabalho está embasada nos estudos acerca da função do idoso na sociedade, conforme as contribuições teóricas de Ecléa Bosi (1994). Tem-se, pois, como objetivo discutir a função do idoso no meio familiar, bem como na sociedade. A construção e os elementos que formam a narrativa serão analisados de acordo com a proposta de D'Onofrio (2007). E, recorrer-se-á aos estudos de Candido (2004) e Coutinho (2008) para compreender a relação que pode ser estabelecida entre Literatura e sociedade.

Palavras-chave: Literatura. Narrativa. Sociedade. Memória. Velhice.

Introdução

A literatura é o sonho acordado das civilizações
(CANDIDO, 2004, p. 175).

A Literatura é uma forma de dizer o mundo, de falar do mundo e ao mundo. Logo, ela é essencial à vida humana, a Literatura é um direito que não deveria ser negligenciado (CANDIDO, 2004). Pois, segundo o autor, “a criação ficcional ou poética, que é mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito” (idem, p. 174). Portanto, faz-se importante trazer à tona aquilo que é próprio e necessário ao ser humano: a arte de criar, de conceber e de transformar.

Em todas as instâncias da vida humana, a Literatura se faz imprescindível por seu caráter de humanização. Pois, de acordo com Candido (2004, p. 180): “A literatura desenvolve em nós a



quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. É pensando no papel social da literatura, na sua contribuição para a formação de sujeitos críticos e na possibilidade de contato com a arte, que Candido (2004) vai defender a Literatura como um direito e com um bem incompressível, ou seja, não pode ser negado a ninguém.

A Literatura que este trabalho defende é aquela que retrata a realidade humana, não uma mera representação, nem tampouco uma cópia daquilo que a sociedade vive, mas que de alguma forma está comprometida, através da ficção, a ilustrar uma imagem da vida humana. Tal qual defende Coutinho (2008, p. 50): “A ficção não pretende fornecer um simples retrato da realidade, mas antes criar uma imagem da realidade, uma reinterpretação, uma revisão. É o espetáculo da vida através do olhar interpretativo do artista, a interpretação artística da realidade”.

A Literatura, segundo esta óptica, é aquela que fala a partir da realidade social que cerca o sujeito, sendo conduzida pelo artista, com sua capacidade de criar e ressignificar a vida real, transformando-a em arte. Pois, a Literatura é a imitação da realidade, seja de algo que já aconteceu, que poderia ter acontecido ou que poderá acontecer, ao mesmo tempo em que ela pode reconstruir realidades de outrora, ela também pode preanunciar fatos e fenômenos do porvir. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas” (CANDIDO, 2004, p. 175).

Essas pressuposições podem ser claramente encontradas no conto A colcha de retalhos, de Monteiro Lobato, o qual retrata a realidade de uma senhora em seus 70 anos de idade, vivendo na companhia de uma filha, um genro e uma neta, dedica sua vida aos cuidados da casa, a cozinhar, lavar, coser e cuidar da neta Pingo d’Água. Os papéis assumidos pela senhora Joaquina, no conto de Monteiro, não é muito diferente dos papéis que ainda hoje o idoso, sobretudo as mulheres, têm assumido no seio da família.

Contudo, em um segundo momento, desprovida da presença da filha e da neta, resta à avó a função de lembrar, atualizando no presente momentos de outrora. No dizer de Ecléa Bosi, os velhos têm poder

[...] de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivescência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente (BOSI, 1994, p.74).

Esse poder é conferido à personagem Joaquina, uma vez que sua função é recordar os momentos felizes vividos ao lado da sua filha e da sua neta; lembra que eram elas que conferiam sentido a sua existência. Portanto, “a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época o alento” (BOSI, 1994, p. 82). Esse resgate feito pela idosa do conto é a mesma que rege a vida de muitos idosos na sociedade brasileira. Após manter a casa e cuidar da família, encontram-se muitas vezes sozinhos com as suas lembranças e são elas (as lembranças) que acalentam a dolorosa solidão que acompanha seus dias.

Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a *literatura social*, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto a dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades (CANDIDO, 2004, p. 180).

A Literatura, portanto, não é um reino mágico, encantado, mas uma forma de se estabelecer relação entre o homem e a sociedade, entre o povo e a sua cultura. “A literatura é uma forma de conhecimento da realidade que se serve da ficção [...]” (D’ONOFRIO, s.d., p.09). Os textos literários são um universo em que as ideologias e os valores sociais podem ser questionados. Os personagens, geralmente, representam sujeitos reais, que vivem conflitos e dramas, que não são questionados e cobrados por um sistema social, mas que também podem contribuir para a fomentação desse sistema. A Literatura discute, desde problemas sociais até problemas de ordem psicológica e emocional.

Estudar o texto literário não é ir ao encontro de um universo de fantasia, mas sim de um mundo de criação, em que realidade e imaginação se relacionam formando a arte, ora aterrorizando, ora encantando; ora chocando, ora conscientizando; mas, sobretudo, questionando e oportunizando a reflexão de quem é o sujeito e do que ele pode ser na sociedade em que vive.

Metodologia

A perspectiva metodológica que norteia a produção deste trabalho caracteriza-se como qualitativa, quanto à abordagem, e bibliográfica, quanto ao procedimento. Buscar-se-á analisar a representação da velhice no conto *A colcha de retalhos*, de Monteiro Lobato, tendo em vista que a função social do idoso é lembrar, memorar momentos de outrora.

O texto literário abre margens para várias interpretações, contudo, esta análise centra-se na personagem Joaquina, uma senhora de 70 anos que vive em um sítio, na companhia de sua filha



Sinh'Ana, de seu genro José Alvorada e da neta Pingo d'Água, com quem divide o protagonismo da narrativa. Discutir-se-á, pois, neste trabalho, à luz do conto de Lobato, qual a função que o idoso assume na sociedade onde vive.

Resultados e Discussão

O conto *A colcha de retalhos*, de Monteiro Lobato, narra a história de uma senhora que costura carinhosamente uma colcha com retalhos que sobram dos vestidos de sua neta, Maria das Dores, cujo apelido é Pingo d'Água. O último retalho que a avó deseja coser é o do vestido de casamento da menina. Essa colcha, portanto, é o presente que deseja dar à neta como peça de seu enxoval, quando esta estiver na idade de casar-se.

A história se inicia com o narrador do conto, que também é personagem, indo ao sítio onde a menina mora, a fim de fazer negócios com José Alvorada, pai de Pingo d'Água. A garota tem por volta de 14 anos, é bastante tímida, acanhada, nem sequer cumprimenta o visitante. Este, cujo nome não é mencionado no conto, caracteriza-se como um personagem secundário, segundo D'Onofrio (2007), embora não seja o protagonista da trama, tem papel essencial para a construção de sentido do texto, pois participando dos acontecimentos, é a partir de seu ponto de vista que temos conhecimento dos fatos narrados, como e quando aconteceram, e dos pensamentos do protagonista e dos demais personagens.

Como podemos observar no trecho a seguir, ao descrever o perfil de Pingo d'Água:

É a filha única. Pelo jeito não vai além de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia e itê¹ como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha². Veio pegar água a este correio (*sic*) e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquaris, ao ver-me (LOBATO, 2014, p. 65).

Essa descrição é de suma importância para os possíveis questionamentos que poderão ser levantados acerca do comportamento da neta ao longo da narrativa. Por hora, vamos voltar nossa atenção para o perfil dos demais personagens. Alvorada, homem rude, do campo, trabalhador, dispensa a oferta de trabalho que o visitante lhe oferece, considerando que não ter mais forças e não valer mais para nada. Afirma que todo o serviço que ainda faz no sítio é por causa de sua filha Pingo d'Água.

Sua esposa Sinh'Ana, mãe de Pingo, é nas palavras do narrador uma mulher acabadinha, assolada por problemas de saúde no estômago, no fígado e por uma dor no peito. Em contrapartida,

¹ Itê: Sabor agreste, adstringente, ácido.

² Rodilha: Rodela de pano torcido que os carregadores de água usam entre a cabeça e o pote ou a lata.



sua mãe, a senhora Joaquina, avó de Pingo d'Água, embora com seus 70 anos, é “*uma velhota bem-apeçoada, no cerne, rija e tesa [...]*” (idem, p. 67), mostrando-se, assim, como uma senhora bastante disposta e ativa.

O ambiente onde os fatos narrados acontecem contribui de forma significativa para delinear o perfil e os comportamentos de cada personagem. Ao demarcar que o espaço onde a história se passa é um sítio, muito distante da cidade, o narrador, em um tom que às vezes soa até preconceituoso, justifica a timidez de Pingo d'Água, bem como o atraso de vida no qual se encontra Alvorada.

Nesse sentido, é possível afirmar também que a complicação dos problemas de Sinh'Ana também é ocasionada por estar distante do meio urbano, onde estavam os médicos, uma vez que era pobre não teria como trazê-los a uma consulta domiciliar.

A bondade da senhora Joaquina atrelada à sua firmeza, em seus 70 anos, sugere também a força da mulher do campo, a qual muitas vezes não cuida somente da casa, mas que também assume muitos trabalhos braçais, que exigem muita disposição e força física.

A narrativa obedece a linearidade dos fatos. Há em um primeiro momento a apresentação da história, dos personagens. Posteriormente, há a complicação ou o desenvolvimento em que os fatos são enredados, sendo provocado/a, no conto, pela fuga de Pingo d'Água com um rapaz do sítio vizinho: “– *É para ver! Desconfiem das sonsas... Fugiu e lá rodou com ele para a cidade – não para casar, nem para enterrar, Foi ser ‘moça’, a pombinha...*” (idem, p. 68).

Entretanto, o clímax do conto está na volta do visitante ao sítio de Alvorada, dois anos depois. Sinh'Ana já havia falecido e a senhora Joaquina ficara praticamente abandonada à solidão. Chegando a casa do Alvorada, logo foi certificado de que este havia ido à vila, a fim de vender o sítio. A doce velhinha convidou-lhe para entrar, sentando-se ao seu lado, lamentou acerca da ausência da filha e da neta. Lançando o olhar para a colcha de retalhos inacabada, recordou junto ao visitante a história de cada pedacinho de tecido. Ao recordar que a colcha não pôde fazer parte do enxoval da neta, seu último pedido era que a colcha fosse sua mortalha.

Percebe-se que embora o tempo cronológico esteja bem demarcado no conto, relacionando sempre temporalidade e causalidade, a narrativa é marcada fortemente pelo tempo psicológico, pois este é “interior à personagem e a ela relativo, porque é o tempo da percepção da realidade, da duração de um dado acontecimento no espírito da personagem” (D'ONOFRIO, 2007, p. 85). Isso se confirma na leitura que podemos fazer da personalidade de cada personagem, principalmente e sobretudo, da senhora Joaquina.



No tempo psicológico, as fronteiras do passado, do presente e do futuro são abolidas. O passado, no ato de ser lembrado, perde sua pureza de passado e torna-se presente. As experiências intermediárias entre o evento passado e o momento da lembrança fazem com que esse passado não possa mais ser recuperado na sua integridade, porque se transformou pelo decorrer do tempo. O que resta, portanto, é apenas o presente existencial, convergência do passado modificado pela memória e do futuro pressentido pelo espírito (D'ONOFRIO, 2007, p. 86).

É exatamente esse entrelaço entre passado e presente que pode ser visto a partir da metade da narrativa, ao lembrar saudosa o tempo de outrora em que conviviam com os problemas de saúde de Sinh'Ana e com a pequena Pingo d'Água. Essas lembranças são contrapostas ao momento em que a senhora Joaquina vive agora e com as lembranças trazidas por cada retalho cosido na colcha. Portanto, assim como os retalhos formam um mesmo corpo, as lembranças da boa velhinha formam um só tempo, o presente. Restando-lhe apenas pressentir a morte que lhe aguarda em um futuro próximo.

O que deveria ser apenas um *flashback* na narrativa torna-se, portanto, o ápice do enredo. Pois, ao nosso ver, é nesse momento em que o principal fato do conto é narrado. Ao ilustrar a atitude da senhora Joaquina pegando a colcha de retalhos e relembando a história que perpassa cada um deles, o conto problematiza a relação entre duas fases extremas da vida humana: a juventude e a velhice. Enquanto, convencionalmente, a juventude é marcada pela euforia, pelas decisões precipitadas e impensadas, a velhice é marcada pela serenidade, pela solidão e pelas lembranças.

Contudo, optamos neste trabalho, em analisar a representação do velho e o papel que ele assume na sociedade, conforme Bosi (1994), em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. A autora evidencia que a principal função do velho na sociedade é a de lembrar. Como se lê:

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo na sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade (BOSI, 1994, p. 63).

É exatamente essa função que vemos representada na personagem da avó de Pingo d'Água, senhora Joaquina. A personagem está sempre memorando sua história em relação à sua família. A colcha de retalhos, não está por acaso nesse conto, mas representa os pedaços de vida que a memória trata de tecer. A costura dos retalhos é a construção das lembranças que formaram e que formam a vida da avó de Pingo.



O ato de coser, já é uma forma de fazer memória. É isso que a senhora Joaquina faz, não só quando o narrador/personagem chega em sua casa pela primeira vez, mas também, e sobretudo, na segunda visita, pois já estando abandonada pelos seus, resta-lhe apenas os retalhos que sobraram dos tempos de outrora. São esses pedaços cosidos numa manta que irão dar a ela uma nova história, que vão ressignificar seu existir.

Contudo, antes de resta-lhe apenas as memórias do tecido, ela também rememora tudo o que fez no apogeu de sua vida. Como se lê em um trecho do conto, no qual a própria personagem fala de si: *“Esta gente de agora não serve para nada. Olhe, eu com setenta no lombo não me troco por ela. Criei minha neta e inda lavo, cozinho e coso.”*

Percebe-se, a partir da leitura deste trecho, que a personagem é uma idosa bem disposta, que ainda cumpre como todos os afazeres de uma dona de casa. O dever de rainha do lar acompanha a vida da senhora Joaquina até mesmo na velhice, é interessante atentar para como ela se orgulha desse fato. Pois, de alguma forma, esse é um modo dela se ver como alguém útil dentro do espaço familiar; é tanto que ela se gloria ao comparar sua disposição com a de sua filha.

Contudo, passado dois anos, tenho perdido Sinh’Ana e Pingo d’Água, a única função que lhe resta é recordar, ao pegar a colcha de retalhos, traz à tona suas lembranças mais longínquas. As palavras de dona Joaquina são nostálgicas, sobretudo, no momento em que ela pega a colcha de retalhos e vai rememorando a história que está em cada um deles, trazendo consigo momentos saudosos, felizes, mas também momentos de tristezas.

“A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte” (BOSI, 1994, p. 82-83). Essa mistura de sentimentos pode ser vista claramente nas rememorações de dona Joaquina. Enquanto lembra com alegria dos tempos que sua neta fora criança, recorda também sua fuga de casa. Vendo-se sozinha, o discurso da boa velhinha que antes era cheio de alegria, pela força e vivacidade que tinha em seu espírito, agora é fortemente modificado pela tristeza. Marcada pela ausência da filha e da neta, não sente mais prazer pela vida, seu único desejo é morrer.

– Que mais agora? – murmurou pausadamente em voz de quem já não é deste mundo. – Até à ‘desgraça’, eu não queria morrer. Velha e inútil, inda gostava do mundo. Morreu-me a filha, mas restava a neta – que era duas vezes filha e o meu consolo. Desencaminharam a pobrezinha... Agora, que mais? Só peço a Deus que me retire, logo e logo (LOBATO, 2014, p. 69).

Enquanto num primeiro momento havia uma velhinha cheia de vida, dois anos depois essa vida estava preste ao fim, marcada pelo desgosto e pelo abandono. Como bem enfatiza o narrador: “*Que quadro imensamente triste, aquele fim de vida machucado pela mocidade louca!...*” (idem, p. 70 [grifos nossos]). Esse é um reflexo da sociedade atual, em que as pessoas idosas continuam sendo desmerecidas, desvalorizadas, abandonadas, ao passo em que os jovens são levados pela eloquência dos anos pueris.

O desfecho do conto é a morte de dona Joaquina, o qual se encerra com uma reflexão do narrador acerca do último desejo da velhinha, que seu corpo fosse enrolado na colcha de retalhos que fizera para a neta: “*Que importa ao mundo a vontade última duma velhinha da roça? Pieguices...*” (idem, 2014, p. 71).

Parece-nos que as lembranças de dona Joaquina não morrem com ela, pois, como bem declama a poeta mineira Adélia Prado, “o que a memória ama fica eterno”³. Toda sua história de amor pela neta não pereceu, mas continuou viva nos retalhos que não foram à cova. Isso lembra mais uma das funções do velho na sociedade: fazer memória, ser memória. Ao morrer, não leva junto a sua história, pois esta permanece viva para as gerações futuras.

Conclusões

A partir das discussões elencadas neste trabalho, duas considerações relevantes podem ser destacadas: a importância da Literatura, como meio de humanização e representação da realidade social e a função que a pessoa idosa assume na sociedade quando suas forças físicas têm se esvaído.

Percebe-se na leitura do conto *A colcha de retalhos* a representação da realidade social vivida por muitos, perdendo a força física e a capacidade de realizar seus afazeres de outrora, resta-lhe apenas a função de lembrar. É exatamente dessa função que a senhora Joaquina vai ocupar seus dias, com a morte da filha e abandonada pela neta, seu único desejo é morrer.

Mas, enquanto esse momento não chega, a personagem agarra-se a colcha de retalhos que ela mesma costurou. É possível afirmar que a colcha é a vida da própria personagem e os retalhos são os momentos que formam essa vida. Ao fazer a leitura de cada retalho para o narrador-personagem, dona Joaquina recorda os momentos felizes que estão guardados na sua memória, bem como os momentos de decepção que deseja esquecer.

Ao memorar, a avó de Pingo d'Água atualiza no presente momentos vividos no passado, quando era jovem e estava cercada pelos seus familiares. Agora, estando abandonada já não pode mais

³PRADO, Adélia. Para o Zé. In: PRADO, Adélia. **Reunião de poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014, p. 70-71.



(re) viver esses momentos, resta-lhe apenas lembrar. A realidade na qual está inserida a idosa do texto de Lobato é a mesma em que muitos outros idosos se encontram. Após ser o/a mantenedor/a da família, não podendo mais assumir as tarefas que antes exercia, o idoso perde seu valor para a sociedade. Muitas vezes, encontram-se sozinhos, suas lembranças são suas únicas companheiras e o único meio pelo qual pode ressignificar sua existência.

O conto analisado aponta para uma realidade que, geralmente, é ignorada, mas que precisa ser repensada e questionada. É imprescindível que se pense na função do idoso na sociedade, bem como nos valores históricos e culturais que ele tem e deixa para a sociedade da qual fez parte. A colcha de retalhos que não é enterrada junto à dona Joaquina, evidencia que a memória do idoso não pode sucumbir, não pode ser ignorada e soterrada. Mas, precisa continuar viva para as gerações futuras. A memória do velho é um bem que não pode jamais morrer.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p. 169-191.

COUTINHO, Afrânio. Gênero de ficção. In: COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 49-72.

D'ONOFRIO, Salvatore. Teoria da narrativa. In: D'ONOFRIO, Salvatore. **Forma e sentido do texto literário.** São Paulo: Ática, 2007, 46-106.

LOBATO, Monteiro. A colcha de retalhos. In: LOBATO, Monteiro. **Contos completos.** São Paulo: Biblioteca Azul, 2014, p. 65-71.